

5

A vida literária

5.1

Relatório de atividade anual

JANEIRO

--- Pedro Ícaro volta de uma longa viagem. Hora de se concentrar no novo ano.

--- Pedro Ícaro consegue um estágio na Editora Futuro. Trabalha preparando o material escrito e gráfico para projetos de livros. Grande exercício de imaginação, que motiva Pedro Ícaro. Aprende um bocado, mas tem dificuldades em conciliar sua alma de poeta com qualquer tipo de vínculo empregatício e larga a editora.

--- Pedro Ícaro planta um ipê branco no sítio de um amigo na Serra.

--- Estreia do programa de TV com a participação Pedro Ícaro e a banda de rock de seus amigos. Transmitido em rede nacional, na programação de verão, fez com que ele fosse reconhecido três vezes na rua — resultado muito melhor do que conseguiu com a soma de toda sua produção literária.

FEVEREIRO

--- Pedro Ícaro recebe uma outra proposta de trabalho, cuidar dos arquivos da biblioteca de um instituto de pesquisa. Acha que não é possível se dedicar a tantas coisas ao mesmo tempo e acaba não aceitando o convite.

--- Pedro Ícaro acorda com um telefonema da secretária da Faculdade de Letras onde estudava avisando que havia conseguido uma bolsa de estudos. Sente-se financeiramente aliviado.

--- Pedro Ícaro começa a trabalhar no seu segundo livro. Daria uma burilada em um material antigo, no qual acreditava, mas que estava guardado havia anos na gaveta.

--- Pedro Ícaro pula o carnaval.

MARÇO

--- Início de seus estudos na universidade. Pedro Ícaro segue sua fórmula de conhecer gradualmente professores e assuntos novos na escolha de suas matérias.

--- Início também dos trabalhos do grupo de estudos do qual Pedro Ícaro participa. Junto, o grupo costuma ler e discutir livremente obras literárias e filosóficas. Tudo regado a muito vinho.

--- Pedro Ícaro vai pela primeira vez a um tradicional evento de poesia da cidade a convite do seu amigo Plínio. Embora já tivesse ouvido falar do evento, jamais cogitara em comparecer. Lá, Pedro Ícaro encontra poetas conhecidos no meio literário.

--- Um passeio no Jardim Botânico faz com que Pedro Ícaro escreva um novo poema. Nada como fingir acreditar na inspiração para que ela surja.

--- Pedro Ícaro tem cinco poemas publicados em um site sobre literatura e cultura na internet. Indica o link para seus contatos e recebe alguns elogios por e-mail.

ABRIL

--- Um professor visitante passa pela sua faculdade e, em meio a uma aula, fala à turma de Pedro Ícaro que os escritores têm que se virar para conseguir atrair leitores e se firmar na profissão. Realmente, ninguém batia a sua porta pedindo para ler os novos textos de sua autoria. Contra as ideias de isolamento, manda os poetas “rodarem a bolsinha”.

--- Pedro Ícaro vai ao aniversário de um amigo e, durante uma conversa, é convidado a participar de um evento literário. Percebe o potencial perigo que se dá no momento em que eventos sociais podem ter mais reflexo no deslanchar de uma carreira do que a dedicação ao cerne do seu afazer — no caso dele, a escrita.

--- Teorias interessantes são apresentadas a Pedro Ícaro em aula na faculdade. Será que entendemos tudo errado até que uma “nova teoria” venha sempre nos desiludir?

--- Pedro Ícaro se apresenta pela primeira vez no tradicional evento de poesia da sua cidade. Junto estavam diversos colegas de geração. Faz novos contatos. Joga o jogo da política literária. Relata alguns de seus encontros no seu blog, *Labirinto Literário*.

--- Pedro Ícaro é convidado a participar da Semana Literária de uma escola. Um encontro entre estudantes e novos escritores. Fala sobre seu início de carreira, como é ser um jovem escritor. Responde perguntas e lê uns poemas.

--- Pedro Ícaro é chamado para dar uma aula na graduação de sua faculdade. Aproveita para apresentar seu projeto de pesquisa em formato de aula.

MAIO

--- Pedro Ícaro lança seu segundo livro, com poemas escritos durante a adolescência, agora retrabalhados. Para que tudo saísse conforme desejava, precisou cuidar de todos os detalhes do evento, do telefonema privado para os convidados até os itens do coquetel. Faz contatos com a sua editora, com a livraria onde seria o evento e com a imprensa — tentando descolar um espaço entre assuntos muito mais descolados. Consegue vender bem na data do evento e quase repõe o dinheiro que teve de investir para bancar a sua parte da edição.

--- Sai uma matéria no jornal sobre o lançamento do novo livro de Pedro Ícaro. Os amigos e parentes distantes o acordam com telefonemas, que se multiplicam ao longo do dia.

--- Pelo telefone, Pedro Ícaro dá uma entrevista para a rádio, a respeito do lançamento do seu novo livro. Percebe que, para esse tipo de entrevista, não importa a roupa que se está vestindo.

--- Pedro Ícaro vai ao lançamento do novo livro de poemas de Leopoldo Fonseca. Conseguiu aproveitar mais do que seu próprio lançamento, quando teve de passar o evento todo sentado, escrevendo dedicatórias.

--- Pedro Ícaro é convidado pela diretora de seu departamento para falar das maravilhas do mundo de Letras para alunos de escola que visitavam o campus. Percebe que a maior preocupação de um estudante é a dicotomia “amor pela profissão” x “retorno financeiro”, o que não deveria ser uma dicotomia.

JUNHO

--- Ao descobrir que ele escrevia, o vizinho de Pedro Ícaro lhe entrega os seus maus poemas para que avaliasse e desse uma opinião. Sem vislumbrar nada de agradável para dizer ao vizinho a respeito de sua produção literária, bem metrificada, porém sem alma, passou a ter que se esquivar, cabisbaixo, pelo corredor do prédio para entrar e sair despercebido até que o assunto caísse no esquecimento. Logo, acabariam lhe dando algum apelido no condomínio por conta desse seu jeito desviante...

--- Pedro Ícaro é convidado pelo colega de faculdade André Capilé para participar do evento de performances poéticas em outro estado. Participam da viagem e do evento os seus colegas Plínio e Alice. O público é bem receptivo, já conhecem os poetas e seus livros. É apresentado a poetas que em breve figurariam em seus eventos e publicações literárias. Durante a viagem, Pedro Ícaro visita um museu.

--- Pedro Ícaro convida seu colega de faculdade André Capilé para participar do quadro de leitura poética que estava organizando para um evento literário em sua cidade. No meio literário, não faltam oportunidades para a retribuição de favores: uma máfia em que uma mão escreve a outra.

--- Uma carta em que Pedro Ícaro reclamava do governo é publicada no jornal.

--- Pedro Ícaro relê o seu livro, que acabara de lançar no mês anterior, e descobre diversos pontos que deseja mudar. Ao final, decide não reler mais o que já estiver publicado... A não ser que fosse para uma segunda edição.

--- Pedro Ícaro vai ao show da banda de seus amigos e toma um porre.

JULHO

--- Pedro Ícaro tem uma mirabolante ideia para um grande projeto literário — coisa de fôlego! Pôs-se ao trabalho, deixando de lado alguns sérios afazeres.

--- Pedro Ícaro vai até uma conceituada livraria de sua cidade e coloca nas estantes um exemplar do seu novo livro sem que ninguém perceba. Depois, eles que se virassem caso alguém quisesse comprar um livro não cadastrado no sistema.

--- Pedro Ícaro é convidado por um professor para um evento literário cheio de pompa. Não era muito a sua forma de encarar a literatura. Ao final do evento, encontra o professor bebendo em um bar. Senta para uma rodada e fica sabendo do lado nada bonito da vida universitária.

--- Pedro Ícaro assiste a uma aula de filosofia e literatura em um novo instituto de cultura de sua cidade. Acha interessantes as possibilidades não propriamente literárias de entrada em um texto.

--- Pedro Ícaro é chamado para um evento literário em uma biblioteca pública. Tem a oportunidade de testar o quanto de sua escrita é capaz de transpor uma barreira social ou em que medida seus efeitos só funcionariam entre seu círculo de amigos.

--- Pedro Ícaro desiste de seu projeto de fôlego. Quando Plínio lhe pergunta sobre o assunto, ele dá uma ligeira desconversada.

AGOSTO

--- Pedro Ícaro, Alice, Plínio e seus amigos de faculdade lançam mais uma edição do *Papel Almoço*, fanzine literário que faziam há alguns anos. Depois de um pequeno atraso — é difícil manter uma periodicidade nos jornais especializados independentes —, a edição veio repleta de autores inéditos e alguns da própria turma.

--- São retomados os trabalhos do grupo de estudos do qual Pedro Ícaro participa.

--- Pedro Ícaro sai para distribuir o jornal recém-lançado e quase é atropelado ao atravessar a rua escrevendo uma mensagem de texto no celular.

--- Pedro Ícaro e Plínio apresentam um seminário sobre Stanley Fish na faculdade. Descobrir “como reconhecer um poema ao vê-lo” não seria dos maiores problemas.

--- Pedro Ícaro participa das comemorações de aniversário do tradicional evento de poesia de sua cidade apresentando o quadro *Poema Projétil*, com leitura de poemas na letra e voz dos poetas. Os poemas eram projetados durante a leitura. Participaram Plínio Rebelo, André Capilé, entre outros. Pedro Ícaro também emplacou a banda de seus amigos na programação do evento.

--- Pedro Ícaro lê os livros de Ricardo Piglia e Roberto Piva.

SETEMBRO

--- Pedro Ícaro começa a ser procurado cada vez mais por novos autores querendo mostrar-lhe a obra e pedir opiniões sobre seus escritos. Sente-se uma antena recebendo mais sinais do que suas frequências de onda podem dar conta.

--- Pedro Ícaro vai ao lançamento do livro de uma amiga.

--- Pedro Ícaro organiza a Semana de Letras de sua faculdade. A organização do evento acaba dando mais trabalho do que o esperado, e ele não consegue produzir muito mais ao longo do que restou do mês.

OUTUBRO

--- Pedro Ícaro é confundido com um vagabundo e se vê obrigado a fazer um relatório de produção anual, detalhando suas atividades.

--- Pedro Ícaro é convidado a participar da gravação de um documentário sobre um poeta renomado. Nem gostava tanto desse poeta, mas fez dele, rapidamente, uma grande influência.

--- Pedro Ícaro e outros amigos de faculdade fazem um sarau de poesia na casa de Alice.

--- Pedro Ícaro termina uma longa pesquisa para a faculdade.

--- Um poema de Pedro Ícaro é incluído em uma coletânea de novos poetas.

--- Morre Tãn-tãn, o cachorro de Pedro Ícaro.

NOVEMBRO

--- Pedro Ícaro e seus amigos criam um blog literário voltado para a produção da novíssima geração de escritores que eles encontravam por aí.

--- Pedro Ícaro é convidado para participar da curadoria de uma antologia. É compelido a escolher dez novos poetas para incluir na edição. Fica pensado em como diferenciar o afeto que sentia pelos textos do afeto que sentia por seus autores.

--- Conforme os contatos se intensificam, as portas se abrem e Pedro Ícaro dá uma entrevista para o canal universitário. Mesmo gravado em estúdio, com bancada e entrevistadores, ele não ficou nervoso. Aproveitou para tentar se acostumar ao circo. Ao final da entrevista, era preciso gravar “cenas avulsas”, com a diretora pedindo “Pedro, olha para a entrevistadora e faz como quem concorda com a cabeça, sem falar nada.”. Tudo é sempre encenado na televisão.

--- Pedro Ícaro e sua nova namorada vão ao teatro assistir à estreia da peça de um amigo.

--- Pedro Ícaro e seus amigos montam uma chapa para concorrer ao diretório estudantil de sua faculdade. Elegem-se após um período acirrado de campanha.

--- Sandra Coelho, amiga de Pedro Ícaro desde o início da faculdade, pede para ele escrever a orelha de seu livro de estreia. Ele aceita e sofre para escrever e enviar o pedido. Ao final, acaba dando conta do recado e ela fica satisfeita. Uma forma de colocar seu nome em destaque nos livros, sem ter que escrever um novo livro.

--- Pedro Ícaro é convidado para se apresentar em um evento de poesia em outro estado, pelo qual ganha um bom pagamento, fora o custeio de passagem, transporte, hospedagem e alimentação. Descobriu aos poucos, enfim, alguma luz no fim do túnel.

--- Pedro Ícaro é convidado para outros três eventos na mesma data da viagem, pelo que é obrigado a declinar educadamente.

--- Pedro Ícaro se dá conta de que gasta muito tempo escrevendo e-mails.

DEZEMBRO

--- Pedro Ícaro entrega os últimos trabalhos para a faculdade.

--- Pedro Ícaro vai à exposição de um amigo artista plástico.

--- Pedro Ícaro vai ao lançamento dos novos livros da Editora Meio-fio. Estão sendo lançadas obras dos seus amigos Cristiano Tortola e Sandra Coelho (que agradece muitíssimo pelo texto da orelha), em um transado bar da moda, fora do circuito de livrarias. Ele julga ser um bom lugar para fazer um lançamento algum dia, pois a vizinhança com a faculdade aproximava o livro de seu círculo de leitores. Era o primeiro lançamento dos amigos, e Pedro Ícaro reconhecia como seu o nervosismo da estreia.

--- Pedro Ícaro é convidado para participar de mais um evento literário. Sente-se muito honrado, mas já um pouco cansado dessa intensa programação.

--- Pedro Ícaro espera mais do ano que virá.

5.2

Conversando sobre poesia, com Pedro Ícaro Intercessor: Friedrich Schlegel

Pedro Ícaro acredita que a poesia une todos que a cultivam, tornando-os aparentados em laços indissolúveis. Mesmo que busquem coisas diferentes, um desdenhando o sagrado alheio (permanecendo desconhecidos, incompreendidos e estranhos), estão ligados num encantamento de outra ordem. Onde o espírito vivo se associa à letra cultivada, há arte, escolhas, matéria a ser dominada, ferramentas a empregar, um projeto e leis de tratamento. Daí os mestres da poesia se esforçarem em plasmá-la no que há de mais multifacetado.

A razão é sempre a mesma. Entretanto, como cada homem possui sua natureza idiossincrática, também traz em si sua poesia, que precisa ser preservada. Críticas não podem nem devem roubar sua energia, para refiná-la ou purificá-la até uma imagem comum. Mas uma crítica bem feita pode ensinar-lhe como formar e educar a si mesmo, em si mesmo, e a compreender manifestações autônomas da poesia em sua força e plenitude. É assim que as flores e os grãos de espíritos alheios se tornarão alimento e semente de sua fantasia. Quem percorre esse trajeto sabe que nunca chegará a um final, nem mesmo poderá supor que o fez: jamais saciará a ânsia que renasce da própria plenitude da satisfação, eternamente renovada. Imenso, inesgotável é o mundo da poesia.

A poesia sem forma e consciência presente nas plantas, na luz, na criança, na flor da juventude, ardente nos amantes. É a peça originária, da qual as demais se derivam. Nós, humanos, temos apenas o poema único de que somos também parte. Percebemos a música do infinito mecanismo, e a beleza do poema, porque em nosso íntimo também vive uma parte do poeta, uma fagulha de seu espírito criador, que, sob as cinzas de nossa desrazão, queima com secreta violência. Não é necessário obter e reproduzir a poesia através de discursos e doutrinas racionais, ou mesmo produzi-la, inventá-la, estabelecê-la e fornecer-lhe leis punitivas (como seria do agrado da teoria da arte poética). A poesia, como a vida, brota espontânea.

De poesia só se pode falar em forma de poesia. Todo ponto de vista a seu respeito será válido na medida em que for, também ele, poesia. Como, porém, toda poesia é limitada, justamente porque é de apenas um, do mesmo modo, a perspectiva que dela se possui não tem como escapar à limitação. E isto não conseguimos suportar, justamente porque sabemos, sem saber, que nenhum homem é apenas um homem, pois também é, ao mesmo tempo, toda a humanidade. Por isso o homem, seguro do reencontro, volta-se sempre para fora de si mesmo, para se complementar no outro. Foi isso que Pedro Ícaro foi buscar em sua viagem ao Oriente: o mesmo na sua radical alteridade.

O poeta não deve se satisfazer com o legado, com obras duradouras, mas ampliar sua visão da poesia. Vai chegar ao todo ao atingir o centro de comunicação com outros que também o fizeram, mas por outros caminhos. O amor precisa de um contra-amor. O verdadeiro poeta é sociável, instruindo-se num contato salutar com outros poetas. Pedro Ícaro discutia literatura com seus professores, como Leopoldo Fonseca. Junto com Alice, Plínio, e outros colegas formou um “círculo poético”, e trocavam ideias e debatiam suas criações. Em torno do grupo gravitavam os leitores e colaboradores do *Papel Almoço*. Para Pedro Ícaro, é estimulante falar de poesia com poetas e pessoas de inclinação poética, em conversas que não distinguem fantasia, lembrança e realidade. Ao tentar trabalhá-las academicamente, acaba relatando pontos de vista distintos, que apontam para os variados efeitos da poesia sob uma nova luz, num permanente esforço para entender a questão. O interesse por tantas abordagens o fez decidir partilhar o observado com todos os que, pelo sentimento e pela disposição, se

iniciaram nos diversos mistérios da poesia. Para isso, ele seguiria o caminho do humor.

Os românticos alemães apresentavam um enfoque da linguagem que pretendia desfazer a separação entre o pensamento mítico e o pensamento lógico, soldar a fenda que Sócrates teria estabelecido e que marca o início da filosofia no Ocidente. Essa volta à aliança da crítica com a poesia define sua prática da tradução e do humor. Nascendo da tarefa crítica, a ironia expressa o claro caos em agilidade, a intuição intelectual de um caos eterno, que aponta para o estado de confusão das línguas e a impossibilidade de se ler o mundo. Impossibilidade que só existe como oposição à necessidade, estimulando um sentimento acerca da incessante luta entre o incondicionado e o condicionado, a impossibilidade e a necessidade de uma comunicação completa. A ironia encerra, portanto, um movimento tenso: por um lado, a tomada de consciência dos limites da linguagem e, por outro, o impulso para se atingir o incondicionado e o absoluto. Alternância entre autocriação e autoaniquilação.

A ironia também está relacionada ao que esses autores entendiam como *Witz*, um fenômeno pontual, que traz, no instante, o brilho da totalidade. É o achado, o *insight*, a ideia que cintila, o pensamento sintético. Como raio, irrompe, ilumina e reconstrói a unidade. A estrutura temporal do *Witz* relaciona-se ao que Benjamin chama de “tempo-de-agora”, o que Nietzsche chama de “intempestivo”, o que Agamben chama de “contemporâneo”: o tempo da poesia, da infância, da festa, do amor, do estado alterado de consciência. O que resta daquilo que era originariamente fantasia. É fragmento, um privilégio da poesia, que se faz da tensão entre o desejo da totalidade e a consciência do limite da linguagem para alcançar tal objetivo.

5.3

**ELE,
PEDRO ÍCARO**

(em sete retratos)

5.3.1 (Um)

Ele havia decidido escrever justamente porque não podia, não sabia, ou não queria dizer aquelas palavras ao vivo, com a própria voz. Mas as pessoas pareciam querer invadir a fortaleza-oficina para ver a cara e o corpo de quem vivia lá dentro. Somente isso explicaria, para ele, o prazer sádico de quem inventou os eventos literários, os recitais onde o poeta é convocado a ler, apresentar, interpretar, comentar, enfim, defender pessoalmente seu texto e suas ideias. Mas, na falta de alguém melhor para fazê-lo, ele, e somente ele, poderia abandonar sua zona de conforto e partir para a linha de frente em nome dos seus escritos.

Um jovem escritor não costuma ser um sucesso de mercado. Lançado por editoras pequenas, é difícil até mesmo encontrar seus livros nas livrarias. Assim, os convites para esses eventos eram irrecusáveis: acabavam fazendo o papel de toda uma cadeia literária (quase) inexistente. Era uma oportunidade de se fazer conhecer, se fazer lido, de fazer contatos, abrir portas e ainda vender um ou outro livro dos tantos que estavam guardados no armário. Há quem diga que o poeta, mais do que os outros tipos de escritores, está na crista da onda da reoralização da nossa sociedade. Com esses eventos literários, eles acabam levando todos de volta à Grécia homérica, ao tempo em que os bardos e aedos (ótimos performistas, por sinal) entretinham as pessoas com a voz, muito antes do advento do rádio e da televisão.

No entanto, a relação dele com isso tudo era bem ambígua. Principalmente porque um dos aspectos de que mais gostava do ato da escrita era a possibilidade que se abria para a linguagem funcionar autonomamente, sem a necessidade da sua presença. A linguagem trabalhando para ele e não o contrário! Mas, as pessoas insistiam em inverter a coisa toda... Era quase como se o mandassem trabalhar, com terno e gravata, em algum escritório do centro da cidade. Para ele, isso só podia ser uma espécie de punição pelo fato de o verdadeiro trabalho do poeta, assim como o de um matemático, ser quase sempre invisível.

Por outro lado, a cada vez que enfrentava um desses desafios públicos sentia-se um pouco mais confortável, como se o vexame fosse uma espécie de droga à qual o corpo vai criando resistência. Também tinha um outro lado a ser levado em conta: o de que, em certa medida, qualquer um gosta de aparecer e ser

o centro das atenções, principalmente os tímidos, que renegam essa tendência. Ele não chegava a ser tímido, mas daí a colocar-se no palco dessa forma já era uma coisa bem diferente.

E, conforme passava por essas provações, descobria nuances consoladoras. A principal foi se dar conta de que o palco guardava uma espécie de solidão, um apagamento por superexposição que o aproximava do seu quarto vazio de madrugada. Então, pensou, não haveria motivos para ansiedades — nenhuma crise de profissão! Mas sua sina não seria sempre dar alguma alteração?

Tinha acordado mais baqueado do que de costume, como se o corpo se recusasse a despertar. Ao ver-se no espelho notou que um de seus olhos amanhecera totalmente inchado. O inchaço era tanto que praticamente impedia que o olho se abrisse, ficando um olho aberto, outro fechado. “Sabia!”, pensou. Essa mistura promíscua entre linguagem e corpo não daria em nada diferente do que a somatização de seus nervosismos. E aquilo não era pouca coisa. “O lírico caolho”, “o poeta do tapa-olho”, pensava no epíteto que melhor o definiria. Enquanto isso, em frente ao espelho, tentava fechar o olho aberto e abrir o fechado, num esforço inútil de melhorar a aparência, procurando simetria.

No Oriente, haviam lhe contado, os sábios e os iluminados mantinham sempre os olhos semicerrados durante seu processo de meditação como uma forma de demonstrar que estavam um pouco nesse mundo e um pouco fora dele, de trabalhar um desapego parcial. Ainda assim, procurou o número de um oftalmologista, mas sabia que não haveria solução a tempo da leitura de logo mais. Ao longo do dia, o problema foi se agravando. E, próximo à hora marcada, ele era realmente o poeta de um olho só. Óculos escuros só atrairiam mais atenção. Desmarcar tampouco era possível. Aceitaria aquilo como parte do seu processo e liberação. O jeito era mesmo enfrentar.

Chegando com antecedência, foi direto ao camarim. Assim, podia reler seu texto e também evitaria as trocas de olhares típicas do hall de entrada. Enquanto trabalhava em sua leitura, um ou outro artista que também subiria ao palco na mesma noite passava por ali e perguntava o que tinha acontecido. “Não sei, acordei assim...” Mas, no fundo, ele sabia que alguém que, ao mesmo tempo, gostava e não gostava tanto de se expor merecia mesmo acordar dessa forma no

dia do seu espetáculo. A descoberta e a aceitação das contradições estavam agora estampadas em seu rosto.

Era chegada sua hora, sem mais sofrimentos: agora. O chamam ao palco e lhe passam o microfone. Silêncio. As luzes que batiam em seu rosto juntavam-se aos olhares da plateia e apagavam tudo. Então, sem explicar muito foi começando a falar e, de repente, era só ele ali. Escutando sua própria voz, teve uma estranha constatação: pelo olho aberto, com todo aquele espetáculo ofuscando-lhe a vista, ele não via nada; já pelo olho fechado, que guardava a parcela do quarto escuro que trazia consigo, ele podia ver tudo. De um modo esquisito, naquele instante, o poeta também atingia a sua iluminação.

5.3.2 (Dois)

Ainda podia se lembrar de como aquilo tudo começou. Antes, não era bem assim. Antes, escrever era para ele somente uma atividade que consistia em colocar palavras no papel e depois (quando muito) dar para alguém ler. É claro que, ao longo da vida, já tinha lido textos seus em voz alta para uma ou outra pessoa. Também já havia passado por aquelas típicas situações de apresentação de trabalhos na escola. Porém, estar diante de uma plateia era algo que, definitivamente, não fazia parte do seu currículo.

Mas isso começou a mudar há uns seis anos, quando, pela primeira vez, foi convidado para fazer parte de um grupo de leitura de poesia. Nessa época, ele já produzia o Papel Almoço, o jornal literário que fazia circular os textos de seu grupo por certa comunidade de leitores e seu nome acabava lembrado para convites desse tipo. Foi assim que um amigo seu, também poeta, lhe telefonou naquela tarde perguntando: “Conhece a Gilberta Lopes, aquela professora de literatura portuguesa?”. Ele tinha uma vaga ideia de quem fosse. “Não importa. Ela está montando um grupo de leitura de poesia e me chamou para participar. Como não estou podendo assumir isso agora, indiquei você. Posso passar seu número para ela?”.

E, quando menos esperava, lá estava ele, cruzando a cidade na linha 4 para comparecer aos ensaios, todas as terças-feiras, às 18h, no apartamento de Gilberta. Realmente, como seu amigo tinha adiantado, os participantes do grupo eram

ótimas pessoas, alguns deles eram até seus amigos: Alice, que havia entrado com ele no mesmo período da faculdade; Eleonora, que também conhecia de vista e já havia publicado um poema em seu jornal; e Rômulo, um simpático ator em início de carreira.

Todos presentes, Gilberta foi logo apresentando sua proposta de trabalho. A finalidade do grupo era bem específica. Eles deveriam realizar duas leituras: uma em comemoração ao dia de Portugal e de Camões, 10 de junho, no consulado de Portugal e a outra, sobre Fernando Pessoa, um mês depois, no mesmo local. Para a primeira, seriam apresentados alguns poemas selecionados de Camões para as autoridades e convidados. Uma tarefa difícil para quem estava começando. Quando ele parou para pensar, se deu conta de que Eleonora vinha de uma família de artistas e era também cantora. Alice e Rômulo eram atores. Já ele... Bem, ele escrevia seus poemas e editava seu jornal impresso. Tinha alguma presença de espírito, mas ainda lhe faltava confiança para essa tarefa. Era um pouco tímido e falava um pouco baixo, um pouco embolado, no seu dialeto próprio, pouco cognoscível. Um pouco tudo. Ou seja, pelo visto, o processo seria duro.

A cada terça-feira o treinamento prosseguia: Aqui, não é bem assim. Sabe o que significa essa palavra? É preciso falar para fora, alto, mas sem gritar. As pausas, não se esqueça das pausas. É importante estudar o poema. Agora é a Alice, depois entra você. Todos prontos? Devagar, não tem pressa. Vocês estão pulando as pausas. Sentir o texto não é encenar, tem que achar a boa medida. E se trocarmos a ordem para a passagem não ficar muito brusca? Agora, valendo! Estou contando o tempo. E ele deu um passo à frente e começou:

*“transforma-se o amador
na coisa amada
não tenho, logo
mais que desejar
pois, em mim
tenho a parte desejada...”*

Talvez seja por alguma falta de coordenação, mas sempre que chegava sua vez, achava muito difícil concatenar a leitura com a audição da própria voz. Os móveis e objetos da sala daquele apartamento, Gilberta e os outros olhando para ele. Tudo tão ao mesmo tempo que, quando ele se dava conta, já estava no final do poema, sem ter prestado muita atenção ao que tinha acabado de dizer:

*“o vivo e puro amor
de que sou feito
como a matéria simples
busca a forma.”*

Fazer o poema reverberar pela sala não era tarefa tão simples. Ele sentia-se muito aquém da leitura que aqueles textos exigiam. Ao final, todos faziam considerações acerca dos pontos que cada um deveria melhorar. Ele deveria melhorar em quase tudo. “Quase”, porque uma coisa estava a seu favor: a capacidade de escrever também havia lhe conferido a capacidade de ler. De algum modo, todo mundo que lê um texto está, na verdade, reescrevendo-o no momento da leitura. Ao poucos, foi entendendo que bastava contar o que devia dizer aos outros como faria um narrador em frente a uma fogueira. Essa era uma filosofia de como a coisa poderia funcionar.

Mas só uma filosofia não bastava. Ele ainda precisaria se esforçar muito mais se quisesse ir bem na apresentação, para, ao menos, estar à altura dos colegas. Gilberta era exigente, e o grupo não deveria destoar. Passou a ler os seus textos três vezes ao dia, depois de cada refeição. Camões tornara-se uma espécie de digestivo. Ainda assim, pensou, não seria suficiente. Decidiu frequentar, secretamente, uma fonoaudióloga. Assim, entre uma terça-feira e outra, correria por fora e chegaria mais preparado aos ensaios do grupo. A cada sessão fazia exercícios de prática vocal, respiração, concentração, etc. Ele deveria continuar seus treinamentos, dando o melhor de si. Afinal, para tudo existe a sua técnica

Então, finalmente chegou o 10 de junho, dia da apresentação. O consulado em festa. Garçons. Pessoas arrumadas desfilando pelo recinto. Coquetel servido. Membros do gabinete. Flores. O cônsul. Câmeras. Luzes e o lugar de destaque preparado para a apresentação. Essas coisas que jogavam horas e horas de treinamento por água abaixo... Mas ele foi firme e cumpriu o seu papel. Estavam bem ensaiados e não havia o que dar errado. O diálogo entre os textos escolhidos, a mistura de vozes, sua adaptação à intenção de cada poema, tudo isso contribuiu para que a apresentação fosse bem sucedida. No final, a consagração: aplausos e o pagamento — simbólico, se levasse em conta o que gastou com as passagens, a fonoaudióloga e a roupa que estava vestindo naquele dia. Mas o importante é que a missão estava cumprida.

Ao final, Gilberta avisou que ligaria para dar detalhes de como o grupo prosseguiria dali em diante. Até porque, em um mês, teriam uma segunda apresentação, dessa vez sobre Fernando Pessoa. Dali a dois dias, ela lhe telefonou marcando o encontro, somente com ele. Chegou cedo a sua casa, como combinado. Após falarem sobre algumas amenidades, Gilberta foi logo dizendo: “Querida conversar com você sobre a apresentação. Você foi muito bom, deu para ver o seu progresso e esforço. Mas, como posso dizer... a sua voz não tem um bom timbre para leitura e, infelizmente, não acho que dê para você continuar...”. Não é que ele fosse ruim, mas seria melhor para o grupo entrar no Fernando Pessoa com... outra pessoa — que funcionasse melhor no palco. Seguiriam sem ele. Estava dispensado.

Naquela curta conversa, Gilberta o liberava daquele sofrimento, mas também, paradoxalmente, jogava sobre o ato de ler um texto em público o fascínio da interdição. Sua leitura em público era, agora, mais que apenas leitura: era toda uma afronta ao bom gosto e aos bons costumes. Era aquilo o que não deveria fazer? Ótimo! Então, era o que faria. Claro, não que ele ainda não estivesse um pouco triste ao cruzar de volta a cidade na linha 4, rumo à quietude da sua casa, naquela noite de terça-feira.

5.3.3 (Três)

A loja de roupas ficava em um bairro nobre. Sendo uma marca prestigiada em seu segmento, os donos pensaram em ficar ainda mais chiques, promovendo eventos culturais nas últimas quintas-feiras do mês, mantendo a loja aberta até mais tarde. Para estreitar a novidade, um recital de poesia na calçada em frente à vitrine, movimentando o lugar com gente que gostasse de arte e literatura.

Foi Alice, sua amiga e cliente da loja, que conseguiu o contato e o convite. Ela também tinha feito parte do grupo da Gilberta — e, como ele, recebeu a sugestão de sair. Caso ele aceitasse, seriam três: ele, Alice e Plínio, que também escrevia e tinha alguma experiência de leitura. “Claro, por que não?” Afinal, o que poderia dar errado?

Assim, os três começaram a selecionar os poemas que seriam lidos na apresentação. Teriam que pensar no que ler para um público que poderia ter sido

levado ali mais pelo cadastro de clientes da loja do que pelo amor à poesia. Decidiram fazer um roteiro com textos leves e simples. Encontraram-se para um pequeno treino na casa de Alice, onde fecharam a sequência da apresentação e ensaiaram umas duas vezes. Não era necessário muito mais do que isso, o evento não estaria tão cheio e o desafio não chegava a ser coisa de outro mundo.

No dia, ele convidou a família e alguns amigos que moravam por ali para assistir à leitura. Agora seus pais poderiam se orgulhar, pois para além do mundo da poesia, ele adentrava o seleto grupo da moda, pensou ironicamente. Na hora marcada, estavam todos por lá. A loja ofereceu um pequeno coquetel. Tudo chique demais, tudo muito elegante. Procurou a organizadora do evento, que tinha feito o convite à Alice, e se apresentou, agradecendo por terem pensado no seu nome. O protocolo mínimo da política literária. Em seguida, aceitou uma ou duas doses da bebida, o que achou que o deixaria um pouco mais relaxado.

Então, era hora de começar. A calçada estava cheia. Foi quando ele constatou que aquele não era, nem de longe, o melhor local para um recital desse tipo: os carros que passavam, pedestres andando para lá e para cá e aquele bar ao lado, tudo era muito barulhento. E a organização não tinha providenciado nenhum tipo de microfone ou sistema de som. Mesmo assim, eles se colocaram em seus lugares e começaram a apresentação. Se levados em conta todos os fatores que havia para aquilo dar errado, eles até que conseguiram virar o jogo. Nenhum deles era estreante naquele universo e, a cada apresentação, sempre acabavam acumulando alguma experiência para as próximas.

Chegou até mesmo o momento em que, após a primeira rodada de leitura, começaram a ser aplaudidos. E aplauso é como tosse ou bocejo: contagia. A partir daí, cada poema era coroado com palmas, mesmo que a pessoa não tivesse prestado atenção no que fora dito. E foi então que o hábito de a plateia aplaudir ao final de cada texto despertou o maior dos problemas daquela noite.

Isso porque a loja ficava no térreo de um prédio onde morava uma senhora que odiava os burburinhos e queria dormir. Não bastassem os carros, os transeuntes e o bar, agora essa loja ainda inventa recital de poesia em plena quinta-feira! Não se pode nem acompanhar a novela com esses desocupados aplaudindo sei lá o quê... Mas esse tipo de palhaçada se resolve de um jeito muito

simples, pensou a senhora, enchendo um balde d'água, que atirou com toda a força, pela janela, nos participantes do ilustre recital.

A água atingiu parte da plateia, e chegou a molhar Alice levemente. As pessoas ficaram um pouco assustadas, sem muita reação. Mas o trio decidiu que o show tinha que continuar. Afinal, tinham sido contratados para aquilo e queriam chegar até o final. Ele prosseguiu a leitura do poema de Carlos Drummond, que tinha sido interrompida:

*“Havia a promessa do mar e bondes tilintavam,
abafando o calor que soprava no vento
e o vento vinha de Minas.”*

Acontece que a água vinha de cima! Um segundo balde d'água foi despejado como um presente da vida àqueles homens indiferentes, bem no espaço entre os poetas e o público, respingando consideravelmente em todos. Alguns gritaram, outros acharam por bem sair logo dali, antes que viesse o terceiro. Um segurança do bar ao lado contou que a senhora fazia isso sempre, toda vez que o burburinho começava a tomar a calçada em frente a sua janela. E, dessa vez, aqueles bêbados ainda tinham decidido aplaudir de tempos em tempos — estavam mesmo era pedindo um balde d'água.

Em meio ao corre-corre, uns entrando na loja para se proteger, outros se rendendo e indo logo para o bar, eles ainda conseguiram pegar o pagamento e, vejam só, ganharam de presente umas camisetas da coleção anterior. Bom mesmo, pois suas roupas estavam molhadas, já que a quinta-feira elegante terminara em uma grande e molhada confusão. A cidade era barulhenta, e naquele momento a cidade era deles, eles eram a cidade. Após esse evento, Plínio passou a se apresentar sempre com um guarda-chuva aberto em suas leituras. Achavam que o hábito marcava a sua veia surrealista, mas, na verdade, era resposta a uma constatação bastante realista: há quem não goste de poesia.

5.3.4 (Quatro)

Ele gostava de viajar. Estava indo para um país distante em busca de experiências e desafios, encontros com novas culturas e lugares. Achava um pouco irônico perceber sempre uma pequena diferença na aparente mesmice do cotidiano e, no entanto, encontrar sempre as mesmas coisas quando viajava para os recantos mais escondidos do mundo. Os mesmos hábitos modificados. Porém, para viver essa experiência toda, era preciso ser aceito. Ou seja, preencher o formulário entregue pela comissária já no avião, passar pelas revistas de segurança e todos os demais protocolos de costume. E quem, ele pensava, tem paciência para estas malditas burocracias alfandegárias, os cadastros sem fim da imigração? Estava precisando de férias justamente por estar cansado de tarefas desse tipo. Mas parecia não haver escapatória. O jeito era preencher tudo, em letra de forma.

Quando chegou a um dos campos do formulário, o da “profissão”, sentiu o primeiro ímpeto de deixar transparecer seu grande descontentamento com aquilo tudo. Ele tinha várias opções para esse campo: “estudante”, “pesquisador”, “escritor”... Agora, sabia muito bem que um tipo especial de escritor, no qual ele podia também se encaixar, incomoda particularmente as sociedades, há milênios. Trata-se do “poeta”. Expulso da *polis*, desvirtuador de sistemas exatos, destruidor da ordem pública, ele estava, agora, prestes a adentrar o país e corromper a nação! Era o poeta, o primeiro terrorista que, na impossibilidade de mudar todo o sistema, cometia os seus pequenos atentados simbólicos. Era precisamente ele, ali, naquela aeronave, munido de papel e caneta. Profissão: poeta. “Toma essa!” Motivo da viagem? Inspiração! “E mais essa...” Tempo previsto da viagem... O necessário, o tempo do poema: o tempo do princípio, do presente. “Hum, dessa Octavio Paz ia gostar.” Declarou levar alguns livros na bagagem e assim por diante... Era sinal de saúde não estar tão ajustado àquelas coisas.

Depois de aterrissar e buscar sua bagagem, entregou os formulários na cabine de imigração. O agente começou a conferir os dados. “Qual é mesmo sua profissão?”, ele perguntou, franzindo as sobrancelhas. “Poeta”, respondeu secamente. O homem ficou olhando. “Escrevo versos...”, complementou como quem dissesse “analista de sistemas” — o que todo poeta também não deixa de

ser. Manteve as feições firmes, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo. Uma profissão digna, comum, necessária. No fundo, sabia, aquilo era uma elegante afronta aos homens que carimbam. Um rompante contra quem preenche, recolhe e confere formulários. Pelo fim dos países e fronteiras! E ainda há quem pergunte por que o poeta precisa de férias. Mesmo no seu tempo de lazer, ele está sempre desafiando gigantes, atirando palavras contra os maiores edifícios.

O agente continuou datilografando e, antes de finalmente conceder o seu carimbo, ainda expressou as seguintes emoções: irritação, surpresa, inveja, admiração e algum tipo de amor. “Está bem, vagabundo, pode passar...”. Um acordo tácito entre a raça dos poetas e a dos homens que carimbam estava firmado naquele instante. Prometeu a si mesmo que se comportaria a partir dali. Quem sabe, numa próxima, não preenchia seu campo profissional com “agente de imigração” — visto que as pessoas amam o reconhecimento. Afinal, a profissão de cada um não deveria ser tão importante, pensou. Pelo menos não agora, que a paz estava firmada. Finalmente ele estava liberado e poderia curtir sua viagem. Sorte dele que ninguém se dá conta do que um poeta realmente seria capaz de fazer. Saindo do aeroporto, deu início a sua pequena revolução.

5.3.5 (Cinco)

Foi recebido por Fernando Freitas na porta do estúdio. Até agora ele não havia entendido muito bem o que ia fazer ali. Fernando era fotógrafo e lhe telefonara na noite anterior com um convite um tanto estranho. Era sobre o seu projeto para uma exposição de fotos. Perguntara simplesmente se ele não queria participar de um ensaio envolvendo corpo e poesia. “Não terei de tirar a roupa, né?” Fernando garantiu que não. Já bastara exigirem sua presença física nos recitais de poesia. Ir além disso já seria demais. Mas teria que ser logo no dia seguinte, no final da tarde, em seu estúdio no centro da cidade. “Tem que ser amanhã?”, ele ainda tentou ganhar algum tempo — detestava convites de supetão — mas era o único horário em que Teresa Martins poderia. Teresa Martins, você não conhece? A nova revelação do cinema independente da cidade. Lamentou não ir mais ao cinema, ao constatar que não tinha visto nenhum dos recentes filmes da

atriz. Por outro lado, duvidava muito que ela já tivesse lido seus poemas. Então, ficariam meio que na mesma.

Bem, o que importava é que agora estava ali, naquele prédio antigo, sendo levado por Fernando até a sala onde seriam feitas as fotos. Você já tinha vindo aqui? A Teresa já chegou, está no camarim se arrumando. O fotógrafo ia explicando tudo e mostrando o estúdio, do qual era um dos sócios. Eles se conheceram numa entrevista para um site de literatura em que Fernando fizera as fotos dos autores. Já nessa ocasião ele pedira o seu contato, comentando que tinha um projeto de fotos conceituais em mente. Disse que só fotografava para sites e para a imprensa pelo dinheiro, mas gostava mesmo era de fotos de arte. Logo se notava sua personalidade excêntrica, pelo jeito de falar e pela decoração do estúdio.

Você trouxe o poema? Sim, estava no bolso. De sua autoria, como Fernando havia pedido, especificando que pendesse para temas físicos e carnavais, algum escrito que valorizasse a presença do corpo. Em um caderno antigo acabou encontrando um poema que, melhor burilado, poderia servir àquela finalidade. Foi ao trabalho. Mexeu nos versos e, ao final, não que tenha ficado grande coisa — ele não ousaria publicá-lo — mas, com uma modificação aqui e outra ali, ficou, ao menos, aceitável. (Afinal, cabe ao poeta escrever poesias; daí a escrever boas poesias é uma coisa totalmente diferente). Fernando pegou o poema de sua mão e começou a ler. Foi logo dizendo que estava ótimo, que era aquilo mesmo que tinha imaginado, e que ele não precisaria se preocupar, pois só se leriam alguns trechos.

Enquanto conversavam, a porta abriu-se e, deslumbrante, Teresa Martins entrou no estúdio, completamente nua. Ele tentou não transparecer surpresa e cumprimentou a atriz com naturalidade, assim que Fernando os apresentou. Uma ajudante lhe retocava os últimos detalhes da maquiagem. O fotógrafo continuou as explicações: o processo seria muito simples, eles tinham o poeta, o poema, uma caneta, Teresa e a câmera. Pelo que acabava de entender, Teresa faria as vezes de folha A4. Fez uma expressão de “claro” e continuou ouvindo as explicações.

Após um pequeno teste rabiscando no antebraço da atriz, partiram para a ação. Teresa dirigiu-se para frente da luz e começou a seguir as instruções do fotógrafo, que pediu que ela ficasse sentada, com uma perna dobrada, se

abraçando, como quem se protege. A pose transmitia certo desamparo. Em seguida, era a vez dele. Entrou em cena e começou a ser instruído de como deveria escrever seus versos no corpo da atriz. Fernando dirigia, apontando onde as palavras seriam gravadas, o lugar preciso de cada letra. Não era necessário respeitar limites: podia muito bem começar no dorso, passar impunemente pela perna dobrada e continuar coxa adentro. Você poderia levantar um pouco o seio, precisamos colocar o til... A caneta deslizava suave pela pele de Teresa, deixando seu intrincado rastro de hastes e vértices, como em um caminho, uma mancha. O poema perdia sua estrutura, espalhando-se pelo corpo. O texto, como uma trama, aos poucos ia adornando-o caligraficamente. Urdia-se um tecido fino e delicado, um vestido. Ao final, ela ficou ali, estática no canto iluminado da sala, sobre o fundo branco. Não parecia nem mais tão desprotegida agora que seus escritos cobriam-lhe o corpo, intermitentemente fotografado pelas lentes de Fernando.

Mas, estava feito. Ele, agora desnecessário, podia despedir-se e partir. Já em casa, antes de dormir, concluiu que, se pensarmos bem, os poetas não se expõem tão menos assim do que as atrizes, modelos e manequins. Largou a caneta e fechou o caderno. Sentia-se nu.

5.3.6 (Seis)

A Editora Futuro queria aqueles trabalhos para ontem. Não, não estavam falando dos seus novos originais. Nem poderiam estar se referindo a isso, já que o foco da empresa não era em literatura, mas sim em livros de arte, catálogos e projetos institucionais. Estavam, na verdade, era dando-lhe um estágio, esse cargo fabuloso, que conjuga pouco pagamento com muitas tarefas. Mas ele estava mesmo em busca de outro tipo de contato com o mercado editorial, pois achava que, se conhecesse as coisas por dentro, seria maior a sua margem de manobra quando estivesse na outra ponta, como escritor. Além disso, sua experiência com o jornal literário que produzia com os amigos lhe servia como uma pequena escola no mundo da edição, despertando seu interesse para o tema.

Após ser contratado, descobriu que nem sequer trabalharia na área de produção editorial, mas na elaboração de projetos. Todos os livros que pretendiam lançar lhe eram destrinchados em reuniões semanais com os diretores, onde

explicavam as ideias para cada um. Em seguida, ele tinha uma semana para transformar aquela nuvem de pensamentos ainda sem forma em um projeto consistente, com direito à produção de livretos de apresentação para os possíveis patrocinadores, slides virtuais, e outros materiais de divulgação.

Acontece que (como afinal, só os poetas em início de carreira parecem ter tempo a perder nessa vida) esses livros só seriam realmente produzidos caso aprovados nos editais das leis de incentivo, bancados pelos patrocinadores, que também fariam uma pré-compra de parte da tiragem, e assim por diante — o que tornava a linha editorial bastante profícua economicamente.

Do ponto de vista prático do seu trabalho, ele sentia que alguma coisa não fechava, como um cachorro que corre atrás do próprio rabo. Depois que começou a engrenar no estágio, começou a pensar em metáforas mais precisas, como as bolhas do mercado financeiro ou imobiliário. No caso dele, estava metido em uma bolha literária, em que deveria falar de livros que não existiam como se já existissem. E quanto melhor fingisse, quanto mais preciso o blefe, maiores as chances de não ser um blefe nem um fingimento, pois os patrocinadores viriam e o livro realmente seria produzido, como em uma profecia que se realiza. Seu trabalho era uma “bolha literária” assim como os casos de escritores renomados — ou, às vezes, nem tanto — que vendem às editoras livros que ainda vão escrever.

No entanto, essa lógica — para muitos um disparate — era, para ele, a fonte dos maiores prazeres. Isso porque, de um modo diferente, o seu trabalho não deixava de ser criativo e inventivo — já que, por vezes, os diretores pareciam ter pouquíssimas noções sobre os livros que pretendiam produzir. No fundo, o que ele fazia era descrever livros imaginários, falar com precisão e propriedade do que ainda não existia, trazer elementos do plano das ideias para o papel, ou seja, lidar com o porvir: o que todo bom poeta faz de melhor. Por outro lado, não poderia assumir compromissos que não pudessem ser cumpridos na hora da edição. Tinha que ser responsável em seus devaneios. Medir bem cada uma de suas palavras. Assim, aprendeu alguns adjetivos que brilhavam tanto a ponto de ofuscar os substantivos que acompanhavam, estruturas frasais que escondiam ao fingir revelar e, claro, muito efeito — tudo era uma questão de efeito!

Com o passar dos meses, foi se sofisticando em seu ofício e aquilo, como tudo mais que fazia, lhe subiu à cabeça. Bastava que ouvisse um pedaço de história, uma informação qualquer e sua mente já estava pronta para transformar em um livro (não um mero livro, mas um verdadeiro sucesso de vendas e público). Um dia, no posto, ao ouvir “Álcool ou gasolina?” bastaram alguns minutos para vir com o seguinte material de divulgação: “É incalculável a importância dos combustíveis em nossa vida contemporânea. Dos carros aos aviões, do campo às indústrias, tudo é movido à energia. Aproveitando o enorme interesse atual do público nessa área, a Editora Futuro orgulhosamente apresenta *Álcool ou Gasolina: uma breve história dos combustíveis*. O livro apresenta um rico ensaio fotográfico sobre a produção de combustíveis no país através das lentes de fotógrafos experientes. Com ângulos inusitados e riqueza de detalhes, a publicação sai em busca de um olhar lúdico sobre a energia...”. E assim acontecia com praticamente tudo.

Na faculdade, quando Alice lhe perguntou como ia o estágio, disse que estava aprendendo para o futuro. Explicava que era um trabalho entre o fantasioso e o mercadológico, para o qual precisava fazer várias afirmações sobre as quais nem tinha tanta certeza, mas deveria fazê-lo como se tivesse. E, com o tempo, viu que o importante era mesmo essa determinação, essa postura de firmeza que atraía a sua própria sustentação. E de resto... Bem, de resto, toda e qualquer palavra (como o dinheiro e inúmeras outras coisas — quiçá tudo) já é, em si, sempre um blefe de seu significado, uma aposta cheia de efeito de todo o sentido que os falantes adorariam encontrar ali, e que por causa dessa mesma adoração acabam realmente encontrando — como uma serpente que se autodevora. “Ser” ou não “ser”? Isso ele não sabia, mas “parecer” era com ele mesmo.

5.3.7 (Sete)

O namoro era recente; portanto, ele ainda não tinha, digamos assim, intimidade para fazer um pedido como aquele. Porém, aproveitando-se do clima do momento, à meia-luz, com os dois deitados na cama, decidiu tomar coragem para fazer o pedido. As pessoas têm as vontades mais estranhas, isso é verdade. Mas, quando envolvem um outro, tudo fica mais complicado. Concentrou-se

naquela vez em que eles haviam bebido um pouquinho além da conta e ela disse que “faria qualquer coisa por ele” — o que ele esperava que não fosse da boca para fora — e disse: “Posso te pedir uma coisa que só você pode fazer por mim?”.

Sua tara era a seguinte: ela deveria vestir uma roupa elegante, porém levemente sensual, ir a uma livraria previamente selecionada, com uma lista de livros que diria estar precisando para a faculdade. Seriam livros corriqueiros, porém de alto custo, que, juntos, representassem uma boa venda para o estabelecimento. Lá pelas tantas, quando o simpático vendedor voltasse dizendo que havia conseguido tudo, menos o livro de poemas daquele jovem autor desconhecido, ela largaria no balcão os livros separados — ou, talvez, ainda melhor: guardaria novamente na carteira o cartão de crédito já empunhado —, dizendo, com uma ponta de irritação: “Ah, que pena... mas vocês não podem encomendar?”. Quando dissesse que não trabalhavam com editoras pequenas, ela daria o golpe final: “Se não der para levar todos de uma vez, eu não vou querer nenhum...”. Conforme o atendente, desconsolado, começasse a agilizar a encomenda à editora, ela deixaria seu telefone para ser avisada e iria embora. Se ligassem em alguns dias, bastaria dizer que já havia comprado tudo na concorrência e que lá, inclusive, havia disponível toda a coleção daquele autor que eles desconheciam. E ela ainda poderia arrematar assim: “os leitores sempre preferem comprar nos locais que estão por dentro, você sabe como é, né?”.

Ela olhou para ele com uma cara de estranhamento. Não fora bem isso que imaginara quando se apaixonou pela figura do jovem escritor. Será que ele pedia aquilo para todas? Desse modo, alguma hora, realmente seus livros acabariam entrando nas livrarias (e ele acabaria sozinho). Cada louco com sua mania. Considerando que eles estavam ali, encostados na cama, a garota virou-se e perguntou: “Mas e agora, não tem nada além de sabotar o sistema literário que eu possa fazer por você?”. Quando ele perguntou se ela não poderia ler alguns poemas em voz alta, a garota jogou o vestido no corpo e saiu gritando: “Perversido!”. Perversão mesmo, pensou ele, era abrir uma livraria e não se interessar por literatura.

5.4**Alguns outros convites feitos a Pedro Ícaro**

*E ser artista no nosso convívio
Pelo inferno e céu de todo dia*

— Cazuza

Estamos formando um grupo de estudos...

...você não se interessaria em participar?

Estamos organizando uma exposição de artes...

...você escreveria o texto para o encarte do convite?

Estamos preparando uma recepção para os calouros...

...você gostaria de falar com eles sobre suas experiências?

Estamos filmando um documentário sobre literatura...

...você toparia dar uma entrevista sobre seus gostos literários?

Estamos elaborando uma encenação da Semana Santa...

...você interpretaria Jesus Cristo nos quinze passos da Via Crucis?

Estamos fazendo um projeto de promoção da poesia pela cidade...

...você leria alguns de seus poemas numa estação lotada de metrô?

Estamos recebendo doações para o projeto da biblioteca popular...

...você doaria seus livros usados para ajudar esse importante projeto?

Estamos precisando de figurantes para a gravação de um vídeo-clipe...

...você poderia chegar à praia amanhã cedo vestindo uniforme militar?

Estamos procurando voluntários para uma experiência em neurolinguística...

...você daria uma passada rápida aqui pelo laboratório depois do almoço?

Estamos buscando urgentemente uma casa para locação de um curta-metragem...

...você emprestaria a sua para a equipe de filmagem só por um final de semana?

Estamos montando um projeto coordenado por um importante criador de modas...

...você trabalharia de graça como um condenado em troca apenas de simpatia?

5.5

Ainda Plínio Rebelo

Plínio acabou de sair de uma reunião no que, até então, seria sua editora. Parece que as coisas não deram muito certo, mesmo eles tendo se interessado pela história do Marechal. Foi pena porque ele quase chegou a fechar o contrato, mas algo desandou nas negociações. Só se sabe que Plínio saiu de lá xingando a todos. Os amigos procuraram saber o que houve, mas ele apenas disse que “essa gente só pensa em dinheiro”.

Realmente, tornou-se um pouco rancoroso e ranzinza esse Plínio Rebelo, mas... um bom personagem. E o revés faz parte da vida. Há muita gente assim, que, na revolta contra o mundo, se refugia em uma postura um pouco agressiva (defensiva) e rancorosa para mascarar a frustração de se ver impotente diante do sistema. E quem não tem essa sensação, às vezes? Mas de nada adianta se esconder atrás de um escudo falso. No mínimo, é mais produtivo pensar em como criar linhas de fuga possíveis. É necessário furar o muro branco, não cair no buraco negro.

Na semana passada, após um daqueles papos de bar, ele começou a sair com uma das meninas mais lindas da faculdade que, incrivelmente, se mostrou bem interessada pelas desventuras do Marechal P. Gaspar. Alice e Pedro estão apostando que, agora, o amigo vai sossegar um pouco e aproveitar mais do que aparecer pelo seu caminho.

5.6

Ainda Alice Freitas

Alice acabou de sair de uma reunião no lugar em que, parece, irá se tornar o seu novo emprego, uma grande editora. Os editores simplesmente se apaixonaram por ela! Com seu jeito meigo e comunicativo, dominando precisamente a hora de sorrir e de escutar, de falar e de calar, ela galgava seu espaço e adentrava, ainda que não pela porta da frente, todos os circuitos que desejava.

Mais do que isso, uma vez lá dentro, sempre tentava conseguir espaço para “os seus”. Quantas vezes não apareceu com convites para Pedro e Plínio, para que também apresentassem seus trabalhos e, eventualmente, até conseguissem algum dinheiro? Com a sucessão de eventos, ela e Pedro desenvolveram uma grande amizade.

Vinda de um lugar pequeno, ela precisou de um certo tempo para entender a lógica social da metrópole e dos seus circuitos artísticos que, segundo ela, pareciam ainda menores que a sua cidade natal. Alice era querida por todos e, descolada, já nem lembrava aquela menina insegura, sedenta de aventura que Pedro conhecera no primeiro período. Mas ela estava contente. Na última sexta-feira, foi apresentada a um artista plástico com quem conversou durante horas em um vernissage. Ao final do evento, trocaram beijos e telefones.

5.7

Os personagens favoritos de Pedro Ícaro

Stephen Dedalus:

Alter ego literário de James Joyce, é também o protagonista e anti-herói de seu primeiro romance semiautobiográfico artístico-existencial, *Retrato do Artista Quando Jovem*, além de ser um importante personagem no monumental romance *Ulisses*. Alguns críticos consideram o jovem Stephen o narrador dos três primeiros contos de *Dublinenses*.

Holden Caulfield:

Protagonista do livro *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J. D. Salinger. Tem 16 anos e é conhecido por sua resistência em se tornar adulto, na tentativa de resguardar a inocência da infância. Desde a publicação do livro, em 1951, Holden

se tornou um ícone da rebeldia e angústia da juventude e um dos personagens mais importantes da literatura americana do século XX. Holden é um personagem contraditório. Tira notas ruins com frequência e chama a si próprio de burro, embora demonstre inteligência na sua narrativa plausível e articulada.

Jorge Malabia:

Personagem do romancista e contista uruguaio Juan Carlos Onetti, que transita entre o mítico e o real, convivendo com ambos em absoluta familiaridade. Carismático adolescente, filho do dono do jornal *El Liberal*, poeta fracassado, amante da esposa do irmão, surge no livro *Presencia* como um homem adulto, envelhecido e desgastado. A ficção dentro da ficção é um procedimento recorrente na narrativa de Onetti.

Silvio Astier:

Personagem do romancista, contista e dramaturgo argentino Roberto Arlt. Silvio é um herói adolescente que aparece no livro, marcadamente autobiográfico, *El juguete rabioso*, de 1926. Na medida em que vai envelhecendo, descobre um mundo de que não gosta e que não pode ser o que deseja. Ele verifica a dureza da vida e se nega a resignar-se. Agora um homem de meia-idade, volta-se para sua adolescência e relembra acontecimentos importantes durante essa fase de formação. O romance transmite, talvez melhor do que relatos históricos, a sordidez e a agitação social de Buenos Aires no início do século XX.

Quentin Compson:

Personagem criado por William Faulkner. É inteligente, neurótico e introspectivo. Aparece nos romances clássicos de Faulkner, *O Som e a Fúria* e *Absalão, Absalão!*, e também em alguns contos do autor. Algumas de suas ideias são articuladas por meio da técnica do autor de fluxo de consciência. Depois de se mudar para o norte para estudar em Harvard, Compson acaba se suicidando.

Álvaro de Campos:

Um dos heterônimos mais conhecidos do poeta português Fernando Pessoa. Nasceu em Tavira da Serra Grande, teve uma educação exemplar de Liceu, depois foi para Glasgow, Escócia, estudar engenharia naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente Médio, da qual resultou o poema *Opiário*. Depois voltou a Lisboa, mas sempre com a sensação de ser um estrangeiro.